



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Famílias e Curso de Vida

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

Determinantes da dimensão familiar ideal na Europa do Sul

IDENTIFICAÇÃO DO(S) AUTOR(ES):

1º Autor

MACIEL, Andréia

Doutoranda em Sociologia, Universidade de Évora/CIDEHUS, Bolseira FCT,
deiabarroso@hotmail.com

2º Autor

MENDES, Maria Filomena

Doutorada em Sociologia Universidade de Évora/CIDEHUS, mmendes@uevora.pt

3º Autor

INFANTE, Paulo

Doutorado em Matemática, Universidade de Évora/CIMA, pinfante@uevora.pt

Resumo

O declínio da fecundidade nos países da Europa do Sul, ao longo das últimas décadas, tem sido surpreendentemente notável, apesar da parentalidade permanecer ainda bastante desejada e a dimensão familiar ideal ancorada no ideal dos dois filhos – embora sua continuidade venha se tornando incerta. Face ao aumento dos níveis de educação, torna-se fundamental perceber se este afeta – e de que forma afeta - os ideais reprodutivos.

Adicionalmente, após décadas de regimes de baixa fecundidade, importa perceber se o número ideal de filho difere consoante diferentes grupos etários, o sexo e em função da presença de uma relação conjugal estável. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi definir um possível perfil dos indivíduos que são mais suscetíveis de desviarem do ideal dos dois filhos, tanto em direção a padrões familiares mais restritos quanto em direção a ideais mais alargados, entre os residentes na Europa do Sul, a partir do ajustamento de um modelo de regressão multinomial com a utilização dos dados do Eurobarómetro 2011.

Nossos resultados apontam que os desvios da “norma” dos dois filhos não são afetados pelo sexo, sendo entretanto mais suscetíveis de optarem por ideais mais reduzidos pessoas residentes em Portugal e Itália, com idades compreendidas entre os 25 e 54 anos, solteiras ou que tenham experimentado rupturas conjugais e com um nível de educação secundária. No sentido contrário, são mais propensos a ideais mais alargados, os residentes em Espanha e, principalmente, Grécia, pessoas fora da faixa etária 25-54 anos, que vivam em união conjugal (incluindo a coabitação) e tenham até o ensino básico.

Abstract

Fertility decline in the Southern European countries, over the past decades, has been remarkable surprisingly, despite the parenting remain still quite desired and ideal family size grounded in the two child - even though its continuity will become uncertain. Given the increasing levels of education, it is essential to understand whether this affects - and how it affects - reproductive ideals.

Additionally, after decades of low fertility regimes, it is important to understand the ideal family sizes differs across different age groups, sex and according to presence of a stable relationship. In this sense, the aim of this work was to define a possible profile of individuals who are more likely to deviate from the ideal of two children, both toward more restricted family patterns as toward wider ideals among residents in Southern European countries, from adjustment of an multinomial regression model using data from the Eurobarometer 2011.

Our results indicate that the norm deviations of the two children are not affected by sex, while being more likely to opt for lower ideals residents in Portugal and Italy, aged between 25 and 54 years old, unmarried or who have experienced disruptions conjugal ties and with a level of secondary education. On the other hand, are more likely to choose extended ideal, residents in Spain and especially Greece, people outside the age range 25-54 years, living in marital union (including cohabitation) and have up to basic education.

Palavras-chave: Dimensão familiar ideal; laços conjugais; idade

Keywords: Ideal family size; conjugal ties; age

DATA ENVIO DA COMUNICAÇÃO:

NÚMERO DE SÉRIE:

8CS0523

Introdução

Ao longo das últimas décadas o comportamento das taxas de fecundidade têm demonstrado uma contínua tendência de queda em praticamente todos os países, conduzindo-os a uma convergência global e concomitantemente rompendo-se com a noção que a fecundidade possa se estabilizar próxima ao nível de reposição das gerações (Billari et al., 2002; Myrskylä et al., 2008), uma vez que muitos países apresentam, atualmente, um Índice Sintético de Fecundidade (ISF) bem abaixo deste limiar (Bloom et al., 2010), que nas atuais condições de mortalidade dos países europeus, é igual a 2,1 filhos por mulher. Esta contínua tendência de declínio do ISF, ao longo de sucessivas décadas, conduziu alguns países, entre eles os países da Europa do Sul, a uma "lowest-low fertility" segundo a terminologia adotada por Kohler, Billari e Ortega (2002).

Atualmente, as menores taxas de fecundidade entre os países europeus têm se concentrado sobretudo na Europa do Sul e de Leste (Kohler et al., 2006). Desde a década de 1970 que os ISF's de Portugal, Itália, Espanha e Grécia têm vindo a declinar, apesar de em curtos períodos de tempo, terem mostrado frágeis sinais de recuperação, voltando, entretanto, a declinar em seguida. Em Portugal, por exemplo, apesar do ligeiro aumento verificado entre 1995 e 2000, a fecundidade retomaria a tendência de declínio, fechando o ano de 2012 com a reduzida taxa de 1,28 filhos por mulher¹. De forma similar, tanto a Espanha, quanto a Itália e a Grécia também manifestariam alguns sinais de recuperação, com subsequente tendência de diminuição. Em 2012, a fecundidade em Espanha atingiu 1,32 filhos por mulher, enquanto na Grécia e na Itália, para o ano de 2011 estas taxas foram respectivamente de 1,41 e 1,39.

Incontestavelmente, a consequência mais perceptível destas reduzidas taxas de fecundidade é a mudança na estrutura etária da população, com um inerente envelhecimento demográfico (Bloom et al., 2010; Myrskylä et al., 2009), que por sua vez coloca em causa a solvência de programas associados ao envelhecimento (Morgan, 2003). Ao longo das últimas décadas, o declínio da fecundidade em simultâneo à elevação da esperança de vida, colocou a Europa do Sul entre as regiões mais envelhecidas do mundo, com a Itália, Grécia e Portugal ocupando respectivamente a 3^a, 4^a, e 6^a posição neste ranking (Population Reference Bureau, 2011). O relatório do Population Reference Bureau (2013) observa ainda que Portugal e Espanha estão entre os países com os menores ISF's do mundo.

Entretanto, apesar do marcado declínio nas taxas de fecundidade do período em muitos dos países europeus, nomeadamente nos países da Europa do Sul, a paternidade/maternidade ainda parece permanecer universalmente valorizada e desejada (Morgan et al., 2010; Morgan, 2003; Sobotka, 2008) e o desejo de ter "dois filhos" ainda mantém-se como a dimensão ideal familiar mais frequente - embora a sua persistência possa se tornar incerta (Frejka, 2008; Goldstein et al., 2003). Este desejo pela descendência ideal igual a dois, ou esta "norma" do desejo de ter dois filhos, como notou Morgan e Rackin (2010), resulta de pressões normativas em duas direções opostas: "para cima" - afetadas por receios sobre os efeitos psicológicos de se criar um filho único e "para baixo" - advinda da preocupação de que descendências mais alargadas possam restringir os recursos necessários para a preservação de um nível de vida satisfatório, bem como da completa realização do potencial de cada criança.

Na medida em que a existência e utilização generalizada de modernos métodos contraceptivos (Kohler et al., 2006; Leridon, 1987; McDonald, 2008; Sobotka, 2008), permitem aos indivíduos desvincular a sexualidade da inevitabilidade da reprodução (Giddens, 1993) e só conceberem um filho quando de fato o desejarem (Lutz et al., 2006; Van de Kaa, 2002), um melhor entendimento das preferências sobre a dimensão ideal familiar - uma parte integrante das decisões de fecundidade (Hin et. al., 2011; Testa, 2012) - nos possibilita melhor compreender os comportamentos reprodutivos atuais e sua possível evolução subsequente, embora estas decisões envolvam propósitos bastante complexos na medida em que se encontram ligadas a vários outros fatores, tanto de ordem biológica como social e econômica. Como a satisfação e as alegrias da parentalidade vêm num pacote que inclui também incertezas e autossacrifício (Bauman, 2004), em prol de um novo "ser" que necessita de um investimento emocional de longo prazo (Giddens, 1993), a decisão de ter

um (outro) filho tem sido muito mais pensada e ponderada do que costumava ser anteriormente (Giddens, 2006).

Desta forma, na tentativa de se tentar perceber se os diminutos níveis de fecundidade do momento são o resultado de uma renúncia parcial do número de filhos anteriormente desejados, ou, trata-se antes de preferências deliberadas por descendências mais reduzidas, tem havido um crescente interesse na análise sobre a dimensão ideal familiar.

Goldstein, Lutz e Testa (2003) argumentam que a mudança nos ideais de fecundidade têm contribuído para a persistência de baixas taxas de fecundidade e colocam a hipótese de que coortes sociabilizadas em regimes de baixa fecundidade possam desenvolver preferências por famílias de padrões reduzidos, em função de um mecanismo inter-geracional - processo de aprendizagem social entre indivíduos mais jovens e mais velhos, em que os mais novos se espelham nos comportamentos dos mais velhos. Lutz, Skirbekk e Testa (2006) alertam ainda para a hipótese de uma possível "armadilha baixa fecundidade" (low-fertility trap hypothesis), já que quando esta persiste em níveis muito baixos, por um considerável período de tempo, pode tornar-se mais difícil de reverter (McDonald, 2008). Se o comportamento dos indivíduos, incluindo as decisões de fecundidade, é influenciado pelas experiências passadas (Wacquant, 2007), ou seja, pelo contexto normativo através do mecanismo intergeracional (Hagewen et al., 2005, Testa et al., 2006; Testa, 2010), Buber et al., 2011), jovens socializados em sociedades onde prevalecem, durante décadas, famílias de pequenas dimensões são suscetíveis de tomar como referência para a sua própria fecundidade, o comportamento reprodutivo das gerações anteriores e desenvolver ideais familiares mais baixos (Lutz et al., 2006). Tal como advertiu (Goldstein et al., 2003) é difícil imaginar que a baixa fecundidade possa persistir indefinidamente sem ser acompanhada por mudanças subsequentes nos ideais reprodutivos.

Entretanto, apesar dos ideais de fecundidade serem relativamente estáveis – porque refletem contextos normativos - eles podem ser reajustados ao longo do tempo em função dos constrangimentos inesperados como, por exemplo, mudanças nas condições de vida (Testa, 2010). Isto seria particularmente mais evidente entre os mais jovens, que ao serem desafiados por inesperados constrangimentos, tanto no domínio da vida familiar quanto profissional (Liefbroer, 2009), bem como pela própria experiência da parentalidade (Regnier-Loilier, 2006), tendem a ajustar – geralmente para baixo - suas intenções de fecundidade (Iacovou et al., 2011).

Adicionalmente, dada a existência de um diferencial entre intenções de fecundidade ao longo do curso de vida e fecundidade realizada (Goldstein et al., 2003; Goldstein et al., 2009; Hin et al., 2011; Liefbroer, 2009; Regnier-Loilier, 2006; Testa et al., 2006; Van Peer, 2002), o número ideal de filhos tem sido considerado como um “teto hipotético” a ser alcançado apenas sob condições ideais (Sobotka, 2009; Testa, 2012), com uma tendência geral para manter em aberto a opção por mais uma criança adicional até que haja uma decisão definitiva (Westoff et al., 1977).

Nos atuais contextos, em que tem havido um crescente investimento parental no capital cultural dos filhos - simultaneamente a uma progressiva perda de suas funções instrumentais (Cunha, 2002; Sobotka, 2008), o que torna sua criação cada vez mais onerosa (Morgan, 2003), sendo ainda os recursos dos pais (tanto financeiros quanto de tempo e energia) limitados (Hagewen et al., 2005), um menor número de crianças tende a estimular um maior investimento no seu capital humano e cultural (Becker et al., 1974; Becker, 1960; Becker et al., 1976; Hagen et al., 2006; Lawson et al., 2009; Reher, 2011). Sob esta perspectiva, é possível que muitos pais possam renunciar à uma descendência mais alargada, ou mesmo à sua descendência “ideal”, com o propósito de assegurar maiores possibilidades de ascensão social aos filhos efetivamente tidos (Lawson et al., 2011; Lee et al., 2010), principalmente no plano educacional, que tem exigido um maior e mais prolongado investimento por parte destes (Bianchi, 2000; Reher, 2011).

Esta maior ênfase na paternidade responsável, que desencoraja descendências numerosas (Morgan et al., 2010), pode indicar, como colocou Morgan (2003, pp. 593) que "ser um bom pai é agora, em grande parte, incompatível com ter mais do que um pequeno número de crianças". Adicionalmente, um maior número de filhos, aumenta o custo associado aos cuidados maternos (Oliveira 2007), enquanto as famílias de menores dimensões promovem uma maior participação feminina no mercado de trabalho .

Um outro importante factor com impacto nas taxas de fecundidade de momento diz respeito ao alongamento do período escolar, que regra geral, tem implicado o adiamento da entrada na vida reprodutiva (Billari et al., 2009; Buber et al., 2012; Myrskylä et al., 2008) - por ser considerado uma atividade concorrente com esta (Barber, 2001) – para além de favorecer um maior questionamento dos tradicionais papéis de género (Bourdieu, 2002). Num contexto em que muitas vezes as mulheres são pressionadas a contribuir para a renda familiar (Sobotka 2008), ao mesmo tempo em que enfrentam maiores desafios em equilibrar vida familiar e trabalho (McDonald, 2006; Myrskylä et al., 2008; Van Peer, 2002), tendo portanto, um maior custo associado à criação dos filhos (Oliveira, 2007), isto conduz-as a reivindicar uma maior igualdade de género e contribuir para transformar os tradicionais sistemas de família (Giddens, 2003). Ademais, com uma maior capacidade de gerar rendimentos fora do lar, as mulheres tornar-se cada vez menos propensas a tolerar relações consideradas disfuncionais (Reher, 2011).

Adicionalmente, considerando que em muitas sociedades existem ideias mais ou menos estabelecidas sobre o momento adequado para a ocorrência de determinados eventos ao longo do ciclo de vida (Liefbroer, 2009) e que o nascimento de um filho é geralmente precedido de outros objetivos, como por exemplo a aquisição de uma união duradoura, e um maior nível de educação – a principal via de ascensão social - torna-se fundamental perceber (se e) em que medida os investimentos em educação, afetam o comportamento reprodutivo.

Ainda que as transformações nas formas de se viver a intimidade e a própria sexualidade – que atualmente permeia a rotina usual das pessoas solteiras (Shorter, 1995) - tenham sofrido alterações ao longo das últimas décadas (Giddens, 1993), e que o casamento enquanto uma instituição que visa permitir a reprodução e criação dos filhos não seja mais universalmente considerado necessário (Van de Kaa, 2002), sendo ainda eminentemente revogáveis (Bauman 2004), a presença de uma união conjugal estável, ainda que na forma de coabitação, permanece um elemento central na concretização dos planos reprodutivos (Aassve et al., 2012; Buber et al., 2012; Kohler et al., 2006; Schoen et al., 1999; Spéder et al., 2009), nomeadamente nos países da Europa do Sul, caracterizada por fortes laços familiares. Neste sentido, ao invés de pontuarmos as alterações que a família tem sido ao longo das últimas décadas como um declínio da importância da família, talvez seja mais adequado referirmos a novos modelos ou arranjos familiares.

Dados, Método e Análise dos dados

Ao nível metodológico, a análise estatística assentou-se num modelo de regressão multinomial que permite verificar simultaneamente os desvios relativamente ao ideal dos dois filhos tanto em sentido ascendente quanto decrescente. Desta forma, para analisar a influência das nossas variáveis explicativas (sexo, grupo etário, nível de educação, estado civil, nível de religiosidade e país) nas preferências sobre a dimensão ideal familiar entre os residentes nos países da Europa do Sul (Portugal, Espanha, Grécia e Itália), e averiguar simultaneamente a possível existência de interações significativas entre estas, ajustámos um modelo multinomial, onde nossa variável resposta “número ideal de filhos” foi dividida em 3 categorias: 0- ideal igual a dois filhos; 1- ideal menor inferior a dois filhos; 2- ideal superior a dois filhos (ver Tabela 1).

Sendo o “número de filhos considerados ideal ao nível pessoal” a nossa variável de interesse, tivemos de excluir todos os casos em que esta variável apresentava “não respostas” ou apresentava como resposta “Não existe ideal, tudo depende”, o que nos deixou com uma amostra final de 3782 respondentes, distribuídos da seguinte forma: 961 (Portugal), 938 (Espanha), 930 (Itália), 953 (Grécia).

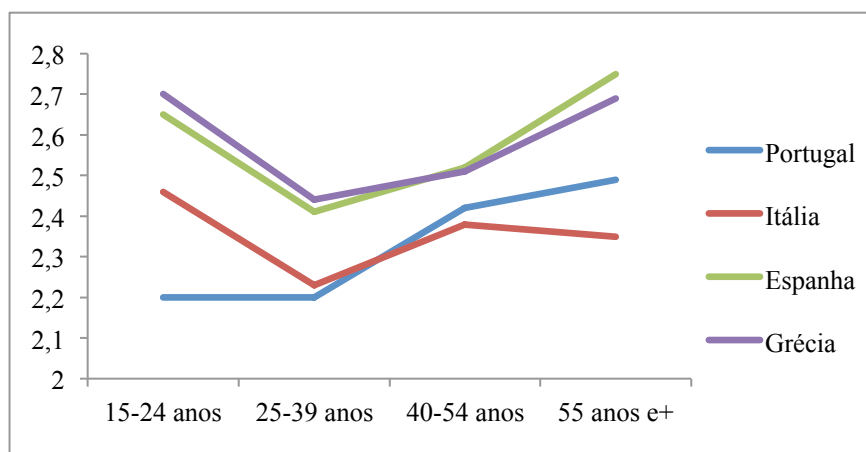
Tabela 1- Distribuição das variáveis (%) segundo o número ideal de filhos

Variáveis	Ideal < 2 (%)	Ideal = 2 (%)	Ideal > 2 (%)	Total
<i>País</i>				
Portugal	60	18	22	100
Itália	62	17	21	100
Grécia	56	10	34	100
Espanha	60	11	29	100
<i>Sexo</i>				

Homem	61	14	25	100
Mulher	60	15	25	100
<i>Estado Civil</i>				
Casados / Coab	61	13	26	100
Viúvos	58	10	32	100
Solteiros	61	21	18	100
Div/Sep	54	21	26	100
<i>Educação</i>				
Até o básico	60	12	28	100
Secundário	62	18	20	100
Superior	58	13	29	100
<i>Grupos Etários</i>				
15-24 Anos	61	16	23	100
25-39 Anos	62	19	19	100
40-54 Anos	61	15	24	100
55 Anos ou+	58	11	31	100

Primeiramente examinamos o número ideal de filhos ao nível pessoal, evidenciando-se a sua distribuição percentual. Conforme tem argumentado a literatura recente, o número ideal de filhos permanece fortemente centrado nos dois filhos. Em termos puramente descritivos, podemos dizer que nas idades mais avançadas é onde se encontra a maior proporção de respondentes com preferências por famílias de maiores dimensões. Este é o caso também para os viúvos, onde 90% destes pertencem ao grupo dos indivíduos com 55 anos ou mais. Quanto aos países em Portugal e Itália a proporção dos indivíduos que preferem famílias mais reduzidas se encontra bastante próxima daqueles que preferem uma família mais alargada. O mesmo pode-se dizer do grupo etário 25-39 anos, dos indivíduos com ensino secundário e dos divorciados, separados e principalmente solteiros, onde a proporção dos que preferem famílias mais reduzidas ultrapassa a daqueles que preferem famílias de maiores dimensões.

Figura 1 - Número médio ideal de filhos por grupo etário e país



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurobarómetro 2011

Entre os países, a Grécia e a Espanha se destacam pelos mais elevados ideais médios em todos os grupos etários, relativamente à Itália e Portugal. Em Espanha e Grécia, há um padrão em forma de “U” com os mais jovens e mais velhos revelando maiores ideais do que as idades 25-54, mas principalmente relativamente às 25-39 anos, onde se situam os mais baixos ideais em todos os países, com exceção de Portugal, onde os mais jovens também demonstram ideais semelhantes. Enquanto em Portugal quanto maior a idade, maior é o número médio ideal de filhos, em Itália, curiosamente, são os mais jovens que apresentam os mais elevados ideais.

Tabela 2- Razão de possibilidades (OR), Intervalos de Confiança e valores-p (Análise univariada)

Ideal =2 (ref.)	Ideal < 2	Ideal >2
-----------------	-----------	----------

Variáveis e Categorias	OR	IC _{95%}	Valor-p	OR	IC _{95%}	Valor-p
País:						
Itália vs Portugal	0.9	(0.7; 1.2)	0.555	0.9	(0.7; 1.2)	0.496
Grécia vs Portugal	0.6	(0.4; 0.8)	0.001***	1.6	(1.3; 2.0)	<0.001***
Espanha vs Portugal	0.6	(0.5; 0.8)	0.001***	1.3	(1.1; 1.6)	0.011**
Sexo:						
Mulher vs Homens	1.1	(0.9; 1.3)	0.320	1.1	(0.9; 1.2)	0.515
Estado Civil:						
Viúvos vs Cas/Coab	0.9	(0.6; 1.3)	0.455	1.3	(1.0; 1.7)	0.033*
Solteiros vs Cas/Coab	1.7	(1.3; 2.1)	<0.001***	0.7	(0.6; 0.9)	0.001**
Div/Sep vs Cas/Coab	1.9	(1.3; 2.8)	0.001***	1.1	(0.8; 1.6)	0.506
Educação:						
Secundário vs básico	1.5	(1.2; 1.8)	0.001***	0.7	(0.6; 0.8)	<0.001***
Superior vs básico	1.2	(0.9; 1.6)	0.343	1.0	(0.8; 1.3)	0.735
Grupos Etários:						
25-39 vs 15-24	1.2	(0.9; 1.6)	0.298	0.8	(0.6; 1.0)	0.077
40-54 vs 15-24	0.9	(0.7; 1.3)	0.713	1.0	(0.8; 1.3)	0.941
55 + vs 15-24	0.7	(0.5; 1.0)	0.066	1.4	(1.1; 1.8)	0.017*

A análise univariada, que revela o que cada variável explica por si só nas possibilidades de se desviar do ideal dos dois filhos, nos permite retirar algumas conclusões preliminares. A primeira delas é que os desvios da norma dos dois filhos não são afetados pelo sexo, ou seja, homens e mulheres têm possibilidades semelhantes de escolherem “idealmente” tanto famílias mais numerosas quanto mais contidas.

Os residentes em Portugal, mas também em Itália, são mais suscetíveis de elegerem como o seu ideal um mais reduzido número de filhos do que os residentes em Espanha e Grécia. O estado civil aparece como uma componente central na configuração da dimensão ideal familiar, com indivíduos solteiros, divorciados e separados apresentando possibilidades acrescidas de se desviarem para ideais mais reduzidos. Quanto ao nível de escolaridade, pessoas com o ensino secundário são aquelas que mais chances revelam de optar por uma dimensão ideal familiar mais diminuta.

Já os residentes em Espanha e Grécia destacam-se por suas possibilidades acrescidas de preferirem famílias com um maior número de filhos. São também nas idades mais tardias onde estas preferências se evidenciam. No que respeita ao estado civil, os viúvos são aqueles mais prováveis de elegerem este ideal como o seu e, os solteiros os mais improváveis. Pessoas com ensino básico são mais suscetíveis do que aqueles com ensino secundário, não se distinguindo entretanto daqueles com ensino superior.

Seguindo as etapas de modelação definidas por Hosmer e Lemeshow (2000), algumas variáveis anteriormente definidas com duas ou mais categorias acabaram por se tornarem dicotômicas, na procura por uma modelo mais simples e parcimonioso. Este foi o caso, por exemplo, do estado civil, em que a categoria “viúvos” não diferia estatisticamente da categoria “casados ou em coabitação”, tendo procedido portanto à sua junção. O mesmo verificou entre os grupos etários “25-39” e “40-54”, em que ambas as categorias não diferiam estatisticamente, tendo por isso sido juntas, formando-se um grupo mais alargado com idades compreendidas entre “25 e 54 anos”.

Tabela3 – Coeficientes, desvio padrão e valores p do modelo logístico multinomial, usando 2 filhos como categoria de referência.

	Ideal < 2			Ideal > 2		
	Coef	Desvio-padrão	p-value	Coef	Desvio-padrão	p-value
Constante	-1.67	0.19	<0.001***	-0.72	0.16	<0.001***
Grupo Etário ¹						
25-54 Anos	0.37	0.17	0.0322*	-0.41	0.15	0.006**
55 Anos e+	0.17	0.20	0.397	-0.04	0.16	0.783
País ² :						

Itália	-0.16	0.13	0.230	0.01	0.12	0.990
Grécia	-0.72	0.15	<0.001***	0.60	0.11	<0.001***
Espanha	-0.59	0.14	<0.001***	0.33	0.11	0.003 **
Estado civil ³ :						
Solteiros	0.60	0.13	<0.001***	-0.45	0.12	0.001***
Div/Sep	0.67	0.19	0.001 ***	0.81	0.17	0.641
Educação ⁴ :						
Secundário	0.27	0.12	0.0236 *	-0.24	0.10	0.015*
Superior	0.03	0.17	0.871	0.18	0.12	0.149

1- O grupo etário 15-24 anos é a referência; 2- Portugal é o país de referência; 3- O sexo masculino é a categoria de referência; 4- até o ensino básico é a referência.

O modelo multinomial – que nos permite testar o comportamento de todas estas variáveis em conjunto e ainda procurar por interações entre elas - confirmam que de fato a inclinação para ideais mais alargados ou restritos não é influenciada pelo sexo.

Para uma melhor visualização dos resultados, no quadro abaixo (tabela4), estão identificadas as razões de possibilidades e os respectivos intervalos de confiança (95%) para as categorias significativas nas preferências por ideais mais reduzidos.

Tabela 4- Razões de possibilidades e Intervalos de Confiança para os ideais reduzidos (ideais<2)

Categorias	OR	IC _{95%}
País		
Portugal vs Grécia	2.2	(1.5; 2.8)
Portugal vs Espanha	1.8	(1.4; 1.4)
Grupo Etário		
25- 54 anos vs 15-24 anos	1.5	(1.0; 2.0)
Estado Civil		
Solteiros vs Cas/Coab/Viúvos	1.8	(1.4; 2.4)
Div/Sep. vs Cas/Coab/Viúvos	2.0	(1.4; 2.9)
Educação		
Secundário vs Básico	1.3	(1.0; 1.7)

Portugal e Itália têm possibilidades acrescidas de terem um ideal familiar inferior a dois filhos, enquanto Espanha e, principalmente, Grécia são mais suscetíveis de terem ideais mais alargados. O estado civil e a educação são indubitavelmente elementos determinantes na escolha da dimensão ideal familiar. Os resultados do modelo multinomial confirmam que pessoas solteiras, divorciadas e separadas são aquelas que apresentam as maiores possibilidades de terem um número ideal de filhos inferior a 2. Pessoas que vivam em união são as que demonstram menores possibilidades de escolherem menos de dois filhos como seu ideal familiar.

Tabela 5- Razões de possibilidades e Intervalos de Confiança para os ideais alargados (ideais>2)

Variáveis	OR	IC _{95%}
País		
Grécia vs Portugal	1.8	(1.5; 2.3)
Espanha vs Portugal	1.4	(1.1; 1.7)
Grupo Etário		
15-24 Anos vs 25- 54 anos	1.5	(1.1; 2.0)
Estado Civil		
Cas/Cob/Viúvos vs Solteiros	1.6	(1.2; 2.0)
Educação		
Básico vs Secundário	1.3	(1.1; 1.5)

A exemplo da análise univariada confirma-se que os residentes em Espanha e, nomeadamente na Grécia, apresentam mais possibilidades de optarem por ideais familiares mais alargados. Quanto ao grupo etário, os indivíduos jovens, assim como aqueles com idades superiores aos 55 anos (pois não diferem estatisticamente

entre si), são os mais suscetíveis a esta dimensão ideal familiar. Também se confirma que os solteiros são os menos suscetíveis a ideais mais alargados, cujas possibilidades são inferiores aquelas dos indivíduos em união ou viúvos. Quanto ao nível de educação, novamente se evidencia as possibilidades acrescidas dos que tenham até o ensino básico para as preferências familiares mais aumentadas.

Destes resultados podemos concluir que são fatores potenciadores de ter uma dimensão ideal familiar mais reduzida: o facto de residir em Portugal ou Itália, ter idades compreendidas entre os 25 e 54 anos, ser solteiro ou ter experimentado rupturas conjugais (exceto se por viuvez) e ter o ensino secundário. Já os fatores potenciadores de ter ideais mais alargados são: residir em Espanha e principalmente na Grécia, ter uma idade inferior a 25 anos e superior a 55, viver em união conjugal e ter um nível de ensino básico.

O facto de Portugal evidenciar maiores possibilidades de optar por ideais mais reduzidos e menores possibilidades de eleger ideais mais alargados condicionará indubitavelmente o nível de fecundidade no futuro. Como se pode observar pela tabela 6, entre os países europeus, Portugal é o que apresenta das maiores proporções de pessoas que deverão terminar seu período reprodutivo com apenas um filho, apresentando simultaneamente das menores proporções daqueles que deverão ter três ou mais filhos.

Tabela 6- Fecundidade Final Esperadaⁱⁱ (20-49 anos)

País	Paridades (%)			
	0	1	2	3+
Portugal	7	27	49	17
Itália	11	22	51	16
Espanha	9	14	59	18
Grécia	7	18	56	19
Chipre	3	8	48	42
Malta	7	21	57	15
Finlândia	9	14	39	39
Suécia	11	12	47	30
Dinamarca	9	9	51	31
Irlanda	7	7	36	50
Reino Unido	12	12	44	32
Holanda	18	10	45	27
Bélgica	11	14	45	30
Luxemburgo	12	17	44	27
França	6	13	47	35
Alem. Ocidental	13	17	48	23
Alemanha Oriental	15	20	48	18
Áustria	16	22	43	19
Eslovénia	4	15	54	27
Rep. Checa	4	20	60	17
Estónia	5	12	50	34
Letónia	5	20	47	28
Lituânia	5	15	56	25
Roménia	8	28	50	14
Bulgária	1	25	63	11
Eslováquia	5	21	54	20
Polónia	5	19	52	24
Hungria	6	19	47	29

Discussão dos resultados e conclusões finais

Assim como Sobotka e Beaujouan (2014), nossa compreensão indica que apesar do aumento da proporção de pessoas com ideais familiares mais reduzidos, o ideal dos dois filhos ainda permanece claramente predominante e sem indícios claros de mudança sistemática de sua erosão- como presumiu Frejka (2008). Na verdade, o aumento da proporção de ideais mais contidos parece dar-se muito mais à custa da diminuição das descendências ideais mais alargadas do que de uma possível erosão do ideal dos dois filhos.

Entretanto, apesar da norma dos dois filhos ainda desfrutar de uma incontestável preferência (Sobotka, 2008) entre os residentes na Europa do Sul, nossos resultados apontam que os residentes em Itália e Portugal são mais propensos a ter um número ideal de filhos mais reduzido do que os residentes em Espanha e Grécia. Estes resultados parecem estar em linha com aqueles de Frejka (2008), que aponta que entre as coortes nascidas na década de 1960, cerca de um quarto das mulheres residentes em Itália tiveram apenas um filho, enquanto em Portugal essa proporção foi ainda maior e na Grécia, menor.

Também não encontramos evidências que sustentem a hipótese colocada por Goldstein, Lutz e Testa (2003) de que coortes sociabilizadas em regimes de baixa fecundidade (no nosso caso as idades mais jovens) preferiram famílias de dimensões mais reduzidas. Na verdade, nossas análises apontam que os indivíduos mais jovens, assim como aqueles em idades mais tardias, são os mais suscetíveis a preferirem ideais familiares mais alargados. Entretanto, não podemos verificar se esta maior preferência dos jovens por ideais mais aumentados e recusa por ideais mais restritos seja um efeito específico da idade.

Como alertou Berrington (2004), Iacovou e Tavares (2011), Liefbroer (2009) e Van Peer (2002) os jovens costumam ser frequentemente otimistas relativamente aos possíveis eventos futuros – ou “irrealisticamente otimistas” para usar um conceito de Weinstein (1980) - e nas idades adultas, quando confrontados com inesperados constrangimentos, como sejam o desemprego, divórcio ou dificuldades na criação dos filhos e na conciliação entre trabalho e família, tendem a reajustar para baixo seus ideais familiares, de acordo com sua realidade. Além disso, se considerarmos que os ideais familiares são frequentemente encarados como um “teto hipotético” a ser realizado apenas em condições ideais (Sobotka, 2009; Testa 2012 ; Testa et al., 2006; Westoff et al., 1977), restrições inesperadas poderão conduzir ao seu (re)ajustamento ao longo do curso de vida (Morgan et al., 2010; Régnier-Loilier, 2006).

A presença de um relacionamento conjugal além de ser um elemento essencial para a concretização dos planos reprodutivos (Aassve et al., 2012; Buber et al., 2012; Kohler et al., 2006; Schoen et al., 1999; Spéder et al., 2009), também se revela um fator chave no delineamento da dimensão ideal familiar. Encontramos que os indivíduos que não vivem em conjugalidade (solteiros, divorciados e separados) demonstram maiores possibilidades de terem um número ideal de filhos inferior a 2.

Embora haja uma associação positiva entre educação e intenções de fecundidade (Maciel, 2013; Testa, 2012), nossos resultados mostram que pessoas com o ensino secundário revelam uma maior inclinação para os ideais mais reduzidos enquanto aquelas com ensino básico tendem a optar por ideais mais alargados.

Referências bibliográficas

- Aassve, A., Goisis, A. & Sironi, M. (2012). Happiness and childbearing across Europe. *Social Indicators Research*, 108:65-86.
- Barber, J. S. (2001). Ideational Influences on the Transition to Parenthood: Attitudes toward Childbearing and Competing Alternatives. *Social Psychology Quarterly*, 64(2), 101.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (Carlos Alberto Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Becker, G. S. (1960). *An Economic Analysis of Fertility* (NBER Chapters) (pp. 209–240). National Bureau of Economic Research.
- Becker, G. S., & Lewis, H. G. (1974). *Interaction between Quantity and Quality of Children* (NBER Chapters) (pp. 81–90). National Bureau of Economic Research, Inc.

- Becker, G., & Tomes, N. (1976). Child Endowments and the Quantity and Quality of Children. *Journal of Political Economy*, 84(4), S143–S162.
- Bianchi, S. M. (2000). Maternal employment and time with children: Dramatic change or surprising continuity? *Demography*, 37(4), 401–414.
- Billari, F. C., & Kohler, H.-P. (2002). Patterns of lowest-low fertility in Europe. *MPIDR Working Paper WP-2002-040*. Rostock, Germany: Max Planck Institute for Demographic Research, 1–31.
- Billari, F. C., & Kohler, H.-P. (2009). Fertility and happiness in the XXI century: Institutions, preferences, and their interactions. Presented at the Annual Meeting of the Population Association of America, Detroit.
- Berrington, A. (2004). Perpetual postponers? Women's, men's and couple's fertility intentions and subsequent behaviour. *Population Trends*, n. 117, p.10-19.
- Bloom, D. E., & Sousa-Poza, A. (2010). *Economic consequences of low fertility in Europe* (FZID Discussion Paper No. 11-2010). University of Hohenheim, Center for Research on Innovation and Services (FZID).
- Bourdieu, Pierre (2002). *A dominação masculina*. 2ª edição, tradução Maria Helena Kühner, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Buber, I. & Fliegenschnee, K. (2011). Are you Ready for a Child? A Methodological Triangulation on Fertility Intentions in Austria. *Working papers 3/2011*. Vienna Institute of Demography.
- Buber, I., Panova, R., & Dorbritz, J. (2012). Fertility intentions of highly educated men and women and the Rush Hour of Life. *Working papers 8/2021*. Vienna Institute of Demography.
- Cunha, V. (2002). O filho único na sociedade portuguesa contemporânea: descendência ideal ou descendência possível? In *Actas do Colóquio Internacional "Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas"* (pp. 203–215). Lisboa.
- Frejka, T. (2008). Overview Chapter 2: Parity distribution and completed family size in Europe: Incipient decline of the two-child family model. *Demographic Research*, 19, 47–72.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas*. (Magda Lopes, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- Giddens, A. (2006). *O mundo na era da globalização*. (Saul Barata, Trad.) (6ª edição.). Lisboa: Editorial Presença.
- Goldstein, J., Lutz, W., & Testa, M. R. (2003). The emergence of Sub-Replacement Family Size Ideals in Europe. *Population Research and Policy Review*, 22(5-6), 479–496.
- Goldstein, J. R., Sobotka, T., & Jasilioniene, A. (2009). The End of “Lowest-Low” Fertility? *Population and Development Review*, 35(4), 663–699. doi:10.1111/j.1728-4457.2009.00304.x
- Hagen, E. H., Barrett, H. C., & Price, M. E. (2006). Do human parents face a quantity-quality tradeoff?: evidence from a Shuar community. *American Journal of Physical Anthropology*, 130(3), 405–418.
- Hagewen, K. J., & Morgan, S. P. (2005). Intended and Ideal Family Size in the United States, 1970–2002. *Population and Development Review*, 31(3), 507–527.
- Hin, S., Gauthier, A., Goldstein, J. R., & Bühler, C. (2011). Fertility preferences: what measuring second choices teaches us. In *Vienna Yearbook of Population Research* (Vol. 9, pp. 131–156).
- Hosmer, D.W., and Lemeshow, S. (2000). *Applied logistic regression (2nd Edition)*. New York: Wiley.
- Iacovou, M., & Tavares, L. P. (2011). Yearning, Learning, and Conceding: Reasons Men and Women Change Their Childbearing Intentions. *Population and Development Review*, 37(1), 89–123.
- Kohler, H.-P., Billari, F. C., & Ortega, J. A. (2002). The emergency of lowest-low fertility in Europe during the 1990s. *Population and Development Review*, v.28, n.4, p. 641-680.

- Kohler, H.-P., Billari, F. C., & Ortega, J. A. (2006). Low Fertility in Europe: Causes, Implications and Policy Options. In F. R. Harris (Ed.), *The Baby Bust: Who will do the Work? Who Will Pay the Taxes?* (pp. 1–51). Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers.
- Lawson, D. W., & Mace, R. (2009). Trade-offs in modern parenting: a longitudinal study of sibling competition for parental care. *Evolution and Human Behavior*, 30(3), 170–183.
- Lawson, D. W., & Mace, R. (2011). Parental investment and the optimization of human family size. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 366(1563), 333–343.
- Lee, R., & Mason, A. (2010). Fertility, Human Capital, and Economic Growth over the Demographic Transition. *European Journal of Population / Revue Européenne de Démographie*, 26(2), 159–182.
- Leridon, H. (1987). La seconde révolution contraceptive: la régulation des naissances en France de 1950 à 1985. *Population (French Edition)*, 42(2), 359–367.
- Liefbroer, A. C. (2009). Changes in Family Size Intentions Across Young Adulthood: A Life-Course Perspective. *European Journal of Population / Revue Européenne de Démographie*, 25(4), 363–386.
- Lutz, W., Skirbekk, V. & Testa, M. R. (2006). The low fertility trap hypothesis. Forces that may lead to further postponement and fewer births in Europe. *Vienna Yearbook of Population Research*, 167-192.
- Maciel, A., Mendes, M.F. & Infante, P. (2013). An overview of current fertility intentions in the Iberian Countries: two countries with low-fertility facing a severe economic and financial crisis. In: ESRC Seminar Series – Post Transitional Fertility in Developing Countries: Causes and Implications, Oxford, UK.
- McDonald, P. (2006). An Assessment of Policies that Support Having Children from the Perspectives of Equity, Efficiency and Efficacy. *Vienna Yearbook of Population Research*, 2006, 213–234.
- McDonald, P. (2008). Very Low Fertility Consequences, Causes and Policy Approaches. *The Japanese Journal of Population*, 6(1), 19–23.
- Morgan, S. P. (2003). Is Low Fertility a Twenty-First-Century Demographic Crisis? *Demography*, 40(4), 589–603. doi:10.1353/dem.2003.0037
- Morgan, S. P., & Rackin, H. (2010). The Correspondence Between Fertility Intentions and Behavior in the United States. *Population and Development Review*, 36(1), 91–118.
- Myrskylä, M., & Kohler, H. (2008). Human Development And Low Fertility. Presented at the Population Association of America 2008, New Orleans, LA.
- Myrskylä, M., Kohler, H.-P., & Billari, F. C. (2009). Advances in development reverse fertility declines. *Nature*, 460(7256), 741–743.
- Oliveira, I. (2007). Fecundidade e Educação. *Revista de Estudos Demográficos*, n. 40, p. 5-19.
- Population Reference Bureau (2012). World Population Data Sheet.
- Population Reference Bureau (2011). World Population Data Sheet.
- Regnier-Loilier, A. (2006). Influence of Own Sibship Size on the Number of Children Desired at Various Times of Life. *Population*, Vol. 61(3), 165–194.
- Reher, D. S. (2011). Economic and Social Implications of the Demographic Transition. *Population and Development Review*, 37, 11–33.
- Schoen, R., Astone, N.M., Kim, Y.J. & Nathanson, C. A. (1999). Do fertility intentions affect fertility behaviours? *Journal of Marriage and the Family* 61(3): 790-799.
- Shorter, E. (1995). *A Formação da Família Moderna*. Lisboa, Terramar.
- Spéder, Z. & Kapitány, B. K. (2009). How are Time-Dependent Childbearing Intentions Realized? Realization, Postponement, Abandonment, Bringing Forward. *European Journal of Population*, v.25, p. 503–523.

- Sobotka, T. (2008). Overview Chapter 6: The diverse faces of the Second Demographic Transition in Europe. *Demographic Research*, 19, 171–224. 8
- Sobotka, T. (2009). Sub-Replacement Fertility Intentions in Austria / Intentions de fécondité inférieures au seuil de remplacement en Autriche. *European Journal of Population / Revue Européenne de Démographie*, 25(4), 387–412.
- Sobotka, T., & Beaujouan, E. (2014). Two are best? The persistence of two-child family ideals and preferences in Europe. Paper submetido à European Population Conference, Budapest, Hungary. Retrieved from <http://epc2014.princeton.edu/abstracts/140523>
- Testa, M. R. (2010). Child-number and child-timing intentions in a micromacro European framework. *European Demographic Research Paper 4*, Vienna Institute of Demography, Austrian Academy of Sciences.
- Testa, M. R. (2012). Women's fertility intentions and level of education: why are they positively correlated in Europe? *Vienna Institute of Demography*, 2012 (European Demographic Research Paper n. 3).
- Testa, M.R. & e Grilii, L. (2006). The influence of childbearing regional contexts on ideal family size in Europe. *Population*, v. 61, 99-127.
- Testa, M.R. (2006). Childbearing Preferences and Family Issues in Europe. *Special Eurobarometer 253/Wave 65.1- TNS Opinion & Social*, European Commission.
- Van de Kaa, D. J. (2002). The Idea of a Second Demographic Transition in Industrialized Countries. Presented at the Sixth Welfare Policy Seminar of the National Institute of Population and Social Security, Tokyo, Japan.
- Van Peer, C. (2002). Desired and achieved fertility. In KLIJING, E & CORJIN, M. (Eds.), *Dynamics of Fertility and Partnership in Europe: Insights and Lessons from Comparative Research* (New York and Geneva: United Nations.).
- Wacquant, L. (2007). Esclarecer o Habitus. *Educação & Linguagem*, (16), 63–71.
- Weinstein, N. D. (1980). Unrealistic optimism about future life events. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 806-820.
- Westoff, C. F., & Ryder, N. B. (1977). The Predictive Validity of Reproductive Intentions. *Demography*, 14(4), 431–453

ⁱ As Taxas de Fecundidade acima referidas são baseados nos dados do Instituto Nacional de Estatística (Espanha) <http://www.ine.es/>; Instituto Nacional de Estatística (Portugal) <http://www.ine.pt/>, e Eurostat, <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>.

ⁱⁱ A fecundidade Final Esperada que agrega o número de filhos tidos por uma determinada pessoa (Fecundidade Realizada) e o número de filhos que ela ainda espera vir a ter (Intenção).